

MULHER ASSENTADA E FIGURAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO SOBRE AS EGRESSAS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/PRONERA

Roberta de Almeida Sorano Tropaldi

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de experiências profissionais e interesses em estudos sobre gênero e políticas educacionais. Instigou-se conhecer o significado do ensino superior para as mulheres de assentamentos rurais em Mato Grosso do Sul, particularmente advindas do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

O objetivo geral da pesquisa foi estudar as mudanças figuracionais na percepção das mulheres assentadas egressas do PRONERA. Pesquisou-se processualmente os diferentes momentos pelos quais as mulheres vivenciaram a inserção na educação superior, isto o período anterior, durante e posterior ao curso.

Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre teorias que versavam sobre processos figuracionais, gênero, identidade da mulher assentada, Educação do Campo e PRONERA. Ultrapassamos uma perspectiva simplista sobre o homem e a mulher para compreendermos como se constituem as relações de gênero que se constroem em meio aos processos históricos e culturais.

Fundamentos em diferentes autores, iniciamos a pesquisa de campo para nos aproximarmos no universo empírico do grupo pesquisado. Foram aplicadas entrevistas com perguntas desencadeadoras abertas e fechadas que versavam sobre: perfil socioeconômico, perfil anterior ao curso, informações sobre trajetória educacional, como percebiam a educação, os acordos familiares necessários e como se deu a realização do processo seletivo. Na fase durante a graduação, questionamos os problemas e resoluções enfrentados para frequentar o curso, percepção sobre a metodologia do curso, opinião sobre possíveis mudanças nesta fase e por fim, as opiniões sobre percepções de mudanças na fase pós-conclusão e posicionamentos sobre relações sociais de gênero e aspectos que influenciaram a concepção sobre ser mulher, profissionalização e educação.

As trajetórias educacionais das mulheres entrevistadas demonstram que a conclusão do ensino fundamental e médio ocorreu em meio a adversidades, sejam elas familiares ou estruturais. O que as levou por vezes a visualizar o acesso à educação superior apenas como um sonho. Quando questionadas sobre o que pensavam sobre o acesso à educação, foram unânimes em considerá-la primordial para o desenvolvimento da vida.

Atualmente, todas as entrevistadas estão inseridas no mercado de trabalho e são participantes de algum movimento social. Algumas se fazem mais presentes e ocupam cargos

de liderança, enquanto outras relatam participarem em atividades específicas ou de maneira tímida. Compreendemos esta colocação como uma participação não corriqueira, mas nem por isso menos importante.

A participação nestes espaços independe da forma associativa que se vincula - entidades religiosas, sindicatos ou movimentos sociais - é preponderante, pois se fazem presentes ao dialogar num espaço antes apenas masculino.

Sobre as representações que possuem no assentamento rural, mostram um misto de alegrias e tristezas, se sentem felizes pelo espaço conquistado, todavia a falta de estímulo do governo, assistência técnica escassa, a falta de acesso a serviços básicos e a terra fraca para o plantio são pontos identificados e recorrentes nos discursos.

O bloco de questões que se referiu ao período em que transcorreu o curso, mostrou os momentos de maiores emoções, pois lembraram momentos felizes e a superação das angústias acadêmicas de maneira conjunta. Referência ao retorno aos bancos escolares, as leituras sistemáticas exigidas, adaptações com as diferenças dos colegas foram lembradas com intenso saudosismo, sem contar a forte alusão às coordenadoras do curso e docentes pela atenção e dedicação para com a turma.

Consideraram que se não fosse a metodologia adotada no curso (alternância) talvez a possibilidade de formação não fosse viável, assim a forma de execução das atividades foi primordial para a aproximação estudantes/ universidade/ comunidade.

Quando questionadas sobre temas específicos, como a imagem que possuem sobre o ser mulher, veem com otimismo os avanços conseguidos pelas mulheres na atualidade, todavia ainda se preocupam com a invisibilidade do trabalho feminino no campo e a falta de interesse de algumas pela conclusão dos estudos. Percebemos que de diversas maneiras as egressas tentam embutir em suas práticas profissionais e comunitárias a sensibilização de seu público sobre as relações de gênero e a necessidade de mudança em algumas posições.

E, como pergunta chave, a percepção de mudanças, ou não, em suas vidas, elas consideram que as mudanças ocorreram principalmente na ampliação da visão de mundo, na agregação de valor ao seu trabalho, pois se sentem mais capacitadas e com a visão alargada para as situações que as cercam e no reconhecimento da comunidade.

Ademais a educação superior pensada a partir do curso, ao incluir formadoras de opinião como são estas mulheres, abriu as discussões de gênero, ampliou caminhos para o debate e a sensibilização de pessoas assentadas que ainda não conseguiram acessar os bancos universitários e vão agregando mais pessoas à caminhada para a valorização da mulher do campo.

Os resultados preliminares mostram que o conhecimento adquirido acarretou mudanças significativas na vida das mulheres assentadas. Elas se percebem com maior domínio de conhecimento que influi diretamente na auto percepção, na visão crítica das situações que as cercam, sentem mais confiança nos seus espaços de trabalho e se sentem mais respeitadas pela família e pela comunidade.

A implantação de assentamentos rurais gera a necessidade de criação de políticas públicas que atendam às necessidades das pessoas ali instaladas, seja no âmbito da educação, saúde, assistência técnica, produção, logística e assistência social. E a Educação do Campo, como fruto destas necessidades deve ser amplamente buscada e incentivada, pois políticas públicas de inclusão educacional, como o PRONERA, precisam ser expandidas, pois permitem à população antes excluída do sistema de ensino a possibilidade de profissionalização para além do capital, e às universidades o cumprimento do seu papel social.